

CONTRIBUIÇÕES DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA ARTE CEARENSE PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA DIMENSÃO ESTÉTICA DA DOCÊNCIA*

CONTRIBUTIONS OF THE CULTURAL HERITAGE OF CEARÁ'S ART TO TEACHERS TRAINING IN THE AESTHETIC DIMENSION OF TEACHING

Regiane Rodrigues Araújo 1
Francisco Jeovane do Nascimento 2
Maria Socorro Lucena Lima 3
Patrícia Helena Carvalho Holanda 4

Resumo: A presente pesquisa objetiva compreender a educação estética na vida, formação e trabalho dos professores a partir das contribuições da arte de Nice Firmeza, artista cearense conhecida por seus bordados, pinturas e mandalas. O estudo teve por base a abordagem qualitativa, materializada pela pesquisa-ação, que neste trabalho segue a denominação de pesquisa-formação. Os dados foram coletados através de conversas gravadas, entrevistas abertas e grupos de diálogos reflexivos. A dimensão estética da docência se evidencia como possibilidade de aprendizagem a partir da exteriorização da subjetividade como caminho a ser percorrido rumo à apreensão da objetividade, da interpretação do mundo e do seu "eu" como sujeito cognitivo.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Arte cearense. Educação estética. Formação de professores. Pesquisa-formação.

Abstract: This research aims to understand aesthetic education in the life, training and work of teachers based on the contributions of the art of Nice Firmeza, an artist from Ceará known for her embroidery, paintings and mandalas. The study was based on the qualitative approach, materialized by action research, which in this work follows the name of research-training. The data were collected through recorded conversations, open interviews and reflective dialog groups. The aesthetic dimension of teaching is evidenced as a possibility of learning from the exteriorization of subjectivity as a path to be taken towards the apprehension of objectivity, the interpretation of the world and its self as a cognitive subject.

Keywords: Cultural heritage. Ceará's art. Aesthetic Education. Teacher Training. Research-training.

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará 1
(PPGE/UFC). Bolsista CAPES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2631492120351847>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2445-6972>.
E-mail: regianearaujo@hotmail.com

Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará 2
(PPGE/UECE). Bolsista FUNCAP. Professor da rede estadual de ensino do Ceará
– SEDUC/CE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8459854283223995>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9753-724X>. E-mail: jeonasc@hotmail.com

Doutora e Pós-doutora em Educação pela Universidade de São Paulo 3
(PPGE/USP). Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Estadual do Ceará – PPGE/UECE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1596146508437623>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6600-1194>. E-mail: socorro_lucena@uol.com.br

Pós-doutora em Educação pela Universidade de Brasília (PPGE/ 4
UNB). Professora e Pesquisadora da Universidade Federal do Ceará – UFC.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0578752312396260>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8233-1190>. E-mail: profa.patriciaholanda@gmail.com

*O trabalho científico é oriundo de uma pesquisa de mestrado, inserida nas investigações delineadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Formação do Educador (GEPEFE/CE), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Introdução

A presente pesquisa trata da dimensão estética da docência na formação de professores, a partir das contribuições do patrimônio cultural da arte de Nice Firmeza, artista cearense conhecida por seus bordados, pinturas e mandalas, visto que as exigências pedagógicas da sociedade atual requerem uma formação que dialogue com questões interdisciplinares que abrangem diferentes dimensões na prática docente.

A escolha da arte de Nice Firmeza decorre do fato da artista ser reconhecida como mulher que criou um estilo próprio, principalmente na arte de bordar, destacando-se por produções artísticas que superavam os processos reprodutivos, ligados aos modelos pré-estabelecidos. A sensibilidade e a singularidade de suas produções se constituem como referências que podem estabelecer a mediação entre a tradição da mulher cearense, suas raízes de estética familiar e profissionais do magistério no seu direito ao conhecimento. A busca para compreender a dimensão estética contida nas práticas docentes de boa qualidade (RIOS, 2008) nos levou a indagar: como aprofundar a educação da sensibilidade e o que o patrimônio cultural da arte de Nice Firmeza teria a ensinar para o trabalho das professoras cearenses?

Esse questionamento foi um ponto de partida para um diálogo sobre a dimensão estética na formação do educador, mediado pela arte de Nice Firmeza, promovendo debates sobre sensibilidade diante dos aspectos culturais, pedagógicos, filosóficos, sobre a vida, trabalho e formação dos professores. Assim, a estética é uma teoria sobre a sensibilização, à medida que se abre um diálogo sobre a arte.

Muitas vezes, a formação aligeirada, centrada nas metodologias de ensino, distanciam as professoras da composição de uma educação integral e ampla (NASCIMENTO; ARAÚJO; LIMA, 2017). Por outro lado, os estudos sobre mulheres, mercado de trabalho e profissão mostram a tradição familiar da mulher nordestina; a marca forte dos trabalhos manuais, feitos no espaço doméstico, de modo anônimo, geralmente na forma de artesanato e arte culinária; ou nos empregos e subempregos, que se acumulam com as tarefas cotidianas com a casa e a família.

Tais dimensões não são consideradas pela escola, deixando a desejar no que se refere a um elo entre a escola e as habilidades dessas mulheres. Muitas das professoras se identificam com outras artistas e artesãs, numa linguagem silenciosa, que esconde a desvalorização das atividades herdadas de suas mães, tias e avós, o que Richter (2003) chama de estética familiar.

Dessa forma, o objetivo deste estudo é compreender a educação estética na vida, na formação e no trabalho das professoras, tendo as contribuições do patrimônio cultural da obra da artista cearense Nice Firmeza como elemento mediador.

A relevância desta pesquisa está na oportunidade de reflexão sobre a diversidade de situações pedagógicas experienciadas pelas professoras em seus contextos de vida e trabalho. Abrange, ainda, aspectos específicos das questões estéticas ligadas à arte e à subjetividade, tais como: a obra de arte; a arte e o silêncio: proposições artísticas; a compreensão do ser humano; criatividade; diálogos; comunicação pedagógica; trajetórias formativas; sons e cores; poesia; relações pedagógicas; crônicas pedagógicas e o movimento estético do ensinar. O nosso trabalho se insere na dimensão do movimento estético dos diálogos reflexivos que acontecem nos processos do ensinar e do aprender sobre a profissão docente. Trata-se da educação estética na formação do professor.

Na segunda década do século XXI, o Brasil tem registrado aumento significativo no âmbito de estudos e pesquisas no campo da estética e da ética na formação de professores. Porém, uma parcela significativa dessas pesquisas se concentra nas regiões Sul e Sudeste, o que nos faz refletir sobre a carência desses conhecimentos na região Nordeste do país (ARAÚJO, 2016).

Ademais, infere-se que o conhecimento acerca da dimensão estética na docência evidencia a importância da valorização dos saberes provenientes da história de vida de cada sujeito, superando uma visão arraigada de privilégios em torno da concepção que limita a construção de conhecimentos apenas nos espaços acadêmicos, visto que o conhecimento se constrói, também, mediante a cultura da comunidade, a subjetividade, a história de vida e o trabalho que cada indivíduo carrega consigo. Nesse sentido, “Para que a educação intercultural se realize, não basta mudar os conteúdos, é preciso mudar a forma de abordar esses conteúdos e o próprio estilo de ensinar” (RICHTER, 2003, p. 205).

Sobre a Estética

Para compreender as questões relativas à estética, recorreremos à etimologia da palavra, relacionada ao sensível do ser humano que assume uma especial atenção à vida e à arte (ABBAGNANO, 2007).

Diante disso, referendamos o conceito de estética a partir do termo, que vem do grego, explicitado no dicionário filosófico

Estética [...]. Com esse termo designa-se a ciência (filosófica) da arte do belo. O substantivo foi produzido por Baumgarten, por volta de 1750, num livro (*Aesthetica*) em que defendia a tese de que são objeto da arte as representações confusas, mas claras, isto é, sensíveis, mas “perfeitas”, enquanto são objetos do conhecimento racional as representações distintas (os conceitos). Esse substantivo significa propriamente “doutrina do conhecimento sensível” [...] (ABBAGNANO, 2007, p. 426).

Dessa forma, a estética tem características e instrumentos pelos quais se torna possível chegar à aprendizagem por via do conhecimento sensível e do espaço da representação ontológica propiciados pelas sensações e afetos inerentes à arte. Para tanto, Dewey (2010, p. 127) esclarece que: “a palavra ‘estético’ refere-se [...] à experiência como apreciação, percepção e deleite”.

A palavra “estética” nos remete, instintivamente, à “arte”, logo, é preciso atentar para o contexto histórico e filosófico acerca da utilização dos dois termos em destaque. Nesse sentido, Jimenez (1999, p. 32) explica o surgimento da estética na arte, e faz a devida especificidade conceitual

“Autonomia da estética” não tem o mesmo sentido de “autonomia da arte”, mas um certo número de correlações existe entre uma e outra. A reflexão específica, que acabamos de evocar, supõe que o objeto ao qual se aplica seja ele mesmo definido de forma precisa; ora, a palavra arte, herdeira desde o século XI, de sua origem latina *ars*= atividade, habilidade, designa até o século XV, no Ocidente, apenas um conjunto de atividades ligadas à técnica, ao ofício, à perícia, isto é, a tarefas essencialmente manuais. A própria ideia de estética, no sentido moderno, aparece somente no momento em que a arte é reconhecida e se reconhece, através de seu conceito, como atividade intelectual, irredutível a qualquer outra tarefa puramente técnica.

Através dos escritos do autor podemos observar a relação e a distinção que há entre o conceito de arte e estética na filosofia. Para tanto, o pensamento estético filosófico permite a verbalização da arte, ou seja, a construção da linguagem subjetiva. Para Jimenez (1999, p. 20), há um conceito óbvio e específico que define a função da arte e da estética

[...] A arte prática que opera com procedimentos específicos aplicados a materiais determinados que dão origem a obras. Quanto à estética, enquanto disciplina em si mesma, tem a autoridade de refletir sobre a arte e sobre as obras, forjando um inverso conceptual constituído de um saber.

Contudo, sabemos que a arte e a estética são composições que estabelecem vínculos entre a matéria e as essências, são sustentáculos de um conhecimento pouco explorado pelos saberes institucionalizados. Nesse sentido, Fischer (2014, p. 11) aborda esse outro lado da arte, enquanto substituição da vida

A arte concebida como “substituto da vida”, a arte concebida como o meio de colocar o homem em estado de equilíbrio com o meio circundante – trata-se de uma ideia que contém o reconhecimento parcial da natureza da arte e da sua necessidade.

Contudo, a arte e a estética carecem de problematização no campo da educação, uma vez que utilizamos esses conceitos para estabelecer o diálogo entre as alunas participantes desta pesquisa, sem desvalorizar a história e a cultura dessas pessoas, visto que a “[...] cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro” (SANTOS, 2005, p. 7).

Compreendemos que esse percurso nos alerta para a necessidade de experiências estéticas que provoquem questionamentos a respeito do contexto social em que estamos inseridos, onde os valores humanos, as manifestações de sensibilidade e a compreensão dos sentidos parecem estar sendo soterrados pela racionalidade e imediatismo das políticas e reformas econômicas, e o moralismo que inibe a criatividade e as manifestações genuinamente artísticas.

Diante disso, é perceptível que o trabalho do professor tem sido afetado pelas transformações e pela complexidade da sociedade atual. O panorama de mudanças que se consolida por conta das reformas repercute no trabalho do docente e na sua função na sociedade. Diante das novas demandas do contexto em que estamos inseridos, acontecem as possibilidades de novas aprendizagens e subjetividades, que emergem das interações sociais. Assim, esse profissional precisa de experiências formativas que articulem diferentes saberes e que tenham significado na aprendizagem da docência e na construção teórica e metodológica no campo da educação e do conhecimento escolar.

Defendemos a dimensão estética da docência como possibilidade de aprendizagem a partir da problematização de afetos, ou seja, da exteriorização da subjetividade como caminho a ser percorrido rumo à apreensão da objetividade, da interpretação do mundo e do seu “eu” como sujeito cognitivo.

Rios (2008) explicita que é preciso superar a fragmentação do conhecimento. Todavia, a possibilidade dessa superação está na autocrítica sobre o processo formativo do próprio professor. Apesar de, na maioria das vezes e em algumas instituições de ensino, a educação ser tratada como mercadoria que visa à quantidade, é preciso promover a educação como qualidade e possibilidade de superação das diferenças políticas e sociais. A autora alerta para o caráter competitivo em que a educação se insere, lembrando que se faz necessário que a educação não abandone sua marca colaborativa do trabalho coletivo.

Para ser um professor competente, Rios (2008) expõe que é preciso estar ciente das múltiplas dimensões da competência. Para a autora, a docência da melhor qualidade (o trabalho competente do professor), que temos que buscar continuamente, dá-se na articulação entre as dimensões técnicas, estéticas, políticas e éticas, em uma formação voltada para o exercício da cidadania e consciência crítico/interpretativa da realidade que circunda o indivíduo.

Advoga-se, pois, o direito do professor a uma dimensão estética na sua formação e no exercício de sua função, pelo fato de esta não ser enfatizada nos programas de formação docente, que ainda trazem marcas do tecnicismo, sendo desvalorizada nos contextos institucionais de vivência da profissão, que trazem outros referenciais de qualidade (ARAÚJO, 2016). A educação estética estaria nesse conjunto de sensações e experimentações do mundo que fazem a beleza de ser sempre aprendiz da vida.

É importante ressaltar que para se tornar professor não basta apenas ser formado, é preciso ser sujeito da sua própria formação. Nesse sentido, a pesquisa contribui nessa reciprocidade de saberes pedagógicos do professor, para que esse vivencie sua auto formação, que se revela na formação contínua, como experiência cotidiana de aprendizagem vivencial e um direito ao conhecimento.

Nessa direção a educação estética é parte significativa da competência profissional do

professor, premência vislumbrada no processo vivenciado pelos sujeitos participantes do presente estudo, em que “[...] a descoberta e a construção-reconstrução de si mesmo(a) fizeram parte do processo” (RICHTER, 2003, p. 197), considerando a cultura e visão de mundo de cada indivíduo.

Nice Firmeza e sua caminhada

Natural de Aracati, no interior cearense, Maria de Castro Firmeza, ou apenas Nice Firmeza, nasceu em 18 de julho de 1921 e era casada com o artista plástico Nilo de Brito Firmeza, o Estrigas. Os dois eram participantes ativos dos movimentos artísticos e culturais no cenário cearense e nacional.

Retomando o contexto histórico, Nice Firmeza veio estudar em Fortaleza em 1933, aos doze anos de idade. Àquela época ela já pintava, pois havia aprendido pintura com uma freira em Aracati- CE, ou seja, desde muito cedo já demonstrava o gosto e inclinação para as habilidades artísticas.

Para compreender a especificidade do trabalho de Nice Firmeza, há de se levar em consideração sua pintura em quatro fases: a paisagem; o humano na paisagem; as máscaras; e, por último, as crianças. Essas fases compõem uma linguagem poética e autodescritiva, na qual a artista revela em depoimento biográfico, descrito por Soeiro (2011).

Nice começou pintando paisagens, em um período de dez anos fez apenas esse tipo de pintura, em que o humano aparecia como uma complementação, como um segundo atributo artístico. A segunda fase é descrita pela artista plástica como a época em que começou a pintar “gente”. A mesma atribui esse momento à “carência de convivência” devido ao isolamento no sítio em que residia.

Por conseguinte, surge a terceira fase, “as máscaras”, que a artista traduz como sendo um dos desafetos inerentes ao caráter humano, à maledicência. A quarta e última fase se constitui como a fase das crianças. Nice afirma, em relato biografado, que esse período teve início quando “[...] principiei a ensinar, e conviver com as crianças, a minha vida mudou completamente. Alegre. Aquele vazio que existia deixou de existir [...]” (SOEIRO, 2011, p. 26). Esse momento se consubstanciou no preenchimento de um vazio, ocasionado pelo isolamento no sítio Mondubim.

A artista se dedicou a ensinar pintura e bordados para crianças e mulheres, sendo a primeira mulher a ingressar na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (Scap), na década de 1950, como aluna do curso Livre do Desenho e Pintura e de Iniciação à História da Arte. Nice também ensinou arte para crianças no conservatório de música Alberto Nepomuceno.

Nos anos que se seguiram, expôs sua arte em dezenas de mostras coletivas e individuais, como Salões de Abril (1951, 1958, 1968, 1971 e 1978), além da participação na primeira mostra de inauguração do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc), em 1961.

Cada vez mais a arte de Nice Firmeza foi ganhando notoriedade, e em 2007 ela recebeu da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult) o título de “Tesouro Vivo”. Foi a partir do conhecimento teórico sobre a arte que ela conseguiu elevar o bordado à categoria de arte.

Nice Firmeza faleceu em abril de 2013, aos 91 anos de idade. Dentre as contribuições da artista, acrescentamos a sua colaboração para a inserção feminina no cenário das artes, atributo alcançado ao se tornar a primeira mulher a ingressar na Scap.

A artista plástica também contribuiu para a visibilidade da mulher como artista, rompendo a invisibilidade com que a sociedade arcaica e machista enclausurou a mulher. Durante muito tempo o papel feminino estava voltado para as representações do lar e da família.

Metodologia

O estudo tem por base a abordagem qualitativa, por considerar importante estabelecer um diálogo sobre a educação estética na formação docente com um grupo de estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Esse tipo de investigação busca analisar o objeto de estudo no contexto da interlocução e particularidades dos sujeitos em relação ao tema em debate.

Nesse aspecto

De modo diferente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-los ao máximo como uma variável intermédia (FLICK, 2004, p. 22).

Além da pesquisa qualitativa, também optamos pela pesquisa-ação crítico-colaborativa, que nesse trabalho segue a denominação de pesquisa-formação, pautada em Lisita (2006, p. 159), ao afirmar que

Pesquisa-formação significa uma abertura de diálogo para se compreender as necessidades da prática de ensinar em relação à formação docente se aproximar das práticas cotidianas do ensinar das escolas e nas salas de aula. Razão pela qual justifico o meu interesse em continuar investigando alternativas formativas que se propõem a trabalhar nessa direção.

Ao optarmos por esse tipo de pesquisa, com foco nos processos colaborativos, porque acreditamos que essa modalidade de investigação comporta processos interativos que contribuem para a coprodução do conhecimento. Acreditamos, ainda, no dizer de Freire (2013), que os homens se educam em comunhão, como possibilidade de viabilizar o diálogo e de reflexões contextualizadas advindas da prática.

A função da pesquisa em formação de professores com a utilização da arte buscou dar subsídios para a formação estética das futuras professoras, tendo como características um estudo de caráter estético-filosófico. Dessa forma, buscamos conhecer o trabalho da artista e debatê-lo com o grupo investigado, aliando as informações coletadas à vivência dessas docentes sobre uma educação estética nas suas histórias de vida e formação.

Assim, procuramos estabelecer um diálogo com o grupo, partindo da indagação inicial articulada a outras questões relativas ao sentido e significados, culminando com o detalhamento das percepções e expectativas das professoras em relação ao tema em debate. Ao mesmo tempo, as obras de arte de Nice Firmeza serviram de mediação para o diálogo e para as conversas formais e informais no decorrer da pesquisa sobre a vida profissional das professoras. Os mecanismos de coleta de dados foram compostos de conversas gravadas, entrevistas abertas e grupos de diálogo reflexivos, entre outros, no decorrer de dois encontros de formação.

A pesquisa de campo foi constituída de dois encontros com alunas da graduação do Curso de Licenciatura de Ciências da Natureza da Unilab, instituição pública federal de ensino superior criada em 2010 e sediada na cidade cearense de Redenção, que apresenta a peculiaridade de ter sido o primeiro município brasileiro a abolir a escravidão.

A criação da referida universidade está embasada na busca por integração e sintonia com projetos de formação das nações que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) — Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste —, objetivando contribuir com o desenvolvimento regional, nacional e internacional, por intermédio do intercâmbio cultural, científico e educacional dos estudantes que a compõem.

A escolha desse *locus* se deu por esta pesquisa tratar de uma temática interdisciplinar e a Unilab contemplar alunos de origem de diversos países, alcançando, assim, o multiculturalismo, que, de forma indireta, contribui com a realização de atividades artísticas e a compreensão estética de modo amplo. Porém, uma característica dessa formação é que foi voltada só para mulheres, pelo fato de explorarmos a obra da artista plástica Nice Firmeza na dimensão estética da docência, tendo um total de onze participantes. Enfatizamos que, em adequação às questões éticas da pesquisa, as discentes estão identificadas por nomes fictícios, preservando o sigilo e identidade das mesmas.

A pesquisa-formação, como decidimos designar, perfazia um tecido de simultâneas atividades que eram vivenciadas e debatidas de maneira colaborativa, o que incluía trocas de

experiências, histórias e memórias, informações em vídeos-formação e exposições diárias, e, ainda, as rodas de conversa, música, confecção de trabalhos artísticos e fotografias. Tudo isso em torno da arte de Nice Firmeza como tema mediador para o estudo da educação estética na formação de professores.

Encontros de formação: o patrimônio cultural da arte de Nice Firmeza como mediação pedagógica para uma experiência estética

O estudo contou com a arte de Nice Firmeza para estabelecer o diálogo entre os sujeitos participantes e a educação estética na formação de professores. Contudo, para compreendermos a sua arte foi preciso situar o contexto histórico e cultural nos quais a artista plástica esteve inserida. Foi necessário desenvolver um diálogo com o grupo que partisse da vida das participantes para depois inserir os temas abordados na pesquisa. O desenvolvimento das reflexões partiu da vida cotidiana das alunas. Na roda de conversa, que começou com as primeiras provocações sobre suas vidas, gostos, amores, sabores e crenças.

A pesquisa foi dividida em dois encontros que se complementaram nas discussões e vivências colaborativas. Para efeito de registro, cada encontro foi explicitado na seguinte sequência: no primeiro encontro foi trabalhado “A (Inter)Subjetividade entre Arte e Estética” e o segundo enfocou “A Mandala e a Formação Estética”.

A (inter)subjetividade entre patrimônio, arte e estética

O primeiro encontro teve como proposta inicial a reflexão “Quem somos e a que viemos?”, anotado em uma mandala que servia de roteiro de planejamento das atividades iniciais da pesquisa-formação. Constituiu-se em um momento de expectativa e atenção sobre o que poderia ser desenvolvido.

O objetivo desse momento inicial era dialogar com as participantes do grupo em busca de identificar em suas falas o sentido que dão à formação docente e suas percepções sobre a dimensão estética no âmbito pessoal e no desenvolvimento da atividade docente.

Em registro sobre esse primeiro encontro, as alunas colocaram suas impressões que se relacionavam ao primeiro impacto causado pela pesquisa-formação, que dizia respeito ao conceito das mesmas acerca de estética, sensibilidade e beleza

Observou-se que os discentes em sua totalidade não sabiam o que, de fato, era estética, mas que saíram com uma nova visão. Notou-se que estética não está ligada somente à beleza física ou exterior, mas sim a um olhar sensível sobre as coisas (CAMILA).

O encontro nos fez refletir que a estética não significa apenas a beleza do corpo ou da pessoa, mas sim, a beleza do conhecimento, da educação (JULIANA).

Estética, na realidade, tem um sentido filosófico, cuja epistemologia remete ao desenvolvimento da filosofia através dos tempos. Dessa forma, aponta para um campo de conhecimento, pouco trabalhado na formação de professores

Quando viemos para estes encontros sobre estética na formação do educador, muitas de nós achávamos que íamos aprender sobre maquiagem, *design* de sobancelhas. No entanto, os estudos e debates realizados fomentaram o entusiasmo pela importância da estética na docência (BRUNA).

A música “Salão de Beleza”, do cantor Zeca Baleiro, registrada no álbum intitulado “Perfil”, lançado em 2003 pela gravadora Globo Columbia, foi utilizada para o momento de acolhimento e integração, sendo cantada e debatida pelo grupo. As ideias postas nos versos foram mais apreciadas pelas alunas que se sentiram afeiçoadas¹

¹ Disponível em: <http://www.kboing.com.br/zeca-baleiro/1-48465/> Acesso em: 03 jan. 2019.

Se ela se penteia, eu não sei! Se ela usa maquiagem, eu não sei! Se aquela mulher vaidosa, eu não sei! Eu não sei! Eu não sei! [...].

Vem você me dizer que vai num salão de beleza fazer permanente, massagem, rinsagem, reflexo e outras “cositas más”.

Oh! Baby você não precisa de um salão de beleza

Há menos beleza num salão de beleza

A sua beleza é bem maior do que qualquer beleza de qualquer salão [...].

Baby você não precisa de um salão de beleza, Há menos beleza num salão de beleza

A sua beleza é bem maior do que qualquer beleza de qualquer salão[...].

Mundo velho e decadente mundo

Ainda não aprendeu a admirar a beleza, a verdadeira beleza

A beleza que põe mesa e que deita na cama, A beleza de quem come

A beleza de quem ama, A beleza do erro puro do engano da imperfeição[...].

Vem você me dizer que vai num salão de beleza fazer permanente, massagem, rinsagem, reflexo e outras “cositas más”[...]

Baby você não precisa de um salão de beleza, Há menos beleza num salão de beleza

A sua beleza é bem maior do que qualquer beleza de qualquer salão[...]

Belle! Belle! Como Linda Evangelista, Linda! Linda! Como Isabelle Adjani [...]

Veja como vem! Veja bem! Veja como vem! Vai! Vai! Vem!

Veja bem! Como vai! Vem! Veja como vai!

Veja bem! Veja bem como vem! Vai! Vem! Se ela vai também!

Aí! Bela Morena, aí! Morena Bela, Quem foi que te fez tão formosa?

És mais linda que a rosa debruçada na janela [...].

(Música “Salão de Beleza”, Zeca Baleiro)

Nesse momento, ficou demonstrada a questão da sensibilidade posta para além da beleza, em uma postura crítica e reflexiva, potencializando a construção coletiva de conhecimentos, permeada pela visão e percepção do grupo, em uma perspectiva de compartilhamento de ideias e princípios atinentes à reflexão sobre a composição musical.

Com a perspectiva de trabalhar a formação docente por meio do fazer artístico e de experiências estéticas, o grupo realizou, em seguida, a atividade que intitulamos de “Perfil Coletivo” (da sala de aula), em que as alunas foram divididas em grupos. Essa atividade foi complementada pelo vídeo da professora Terezinha Rios sobre “Competência e qualidade na docência”. Para a autora, imaginação e sensibilidade são elementos constituintes do fazer humano na prática docente, que se insere no movimento em direção à beleza.

Os diálogos reflexivos instaurados na pesquisa-formação nos permitiram, no encontro em estudo, vislumbrar que o termo “educação” transcende os limites dos muros da escola para se inserir no próprio contexto cultural onde se está. Tem a ver, portanto, com a descoberta entre as formas dinâmicas dos sentimentos e as formas de arte. Constitui-se, pois, a postura do sujeito perante o mundo que se constrói na relação sensível entre a beleza e a harmonia.

Duarte Júnior (2008, p. 16) contribui com tal discussão afirmando que “[...] uma ponte que nos leva a conhecer e a expressar os sentimentos é então, a arte, e a forma de nossa consciência apreendê-los é através da experiência estética”. O reconhecimento de que vivemos um tempo em que a beleza, contraditoriamente, é mercantilizada em um modelo único, e a estética banalizada em forma de “compra e venda”, é externado na fala de uma das alunas do grupo

O primeiro momento se estudou a música “Salão de Beleza”, de Zeca Baleiro, música essa composta por uma letra belíssima e interessante, uma vez que o autor relata uma beleza que está nas coisas mais simples, e, conseqüentemente, critica o mundo onde ele afirma que ainda não aprendeu a admirar as coisas que de fato são verdadeiramente belas (CAMILA).

O debate sobre a beleza, que põe na mesa, do erro e do amor, é reconhecido como a verdadeira beleza pelo grupo, e o estudo da estética como possibilidade de aperfeiçoamento do conhecimento. Segundo o princípio da estética ligada à sensibilidade e à perspectiva criadora, a construção coletiva do perfil do grupo foi igualmente destacada como experiência estética

No encontro, começamos nossas atividades ouvindo a música de Zeca Baleiro “Salão de Beleza”. Em seguida, trabalhamos com o perfil coletivo da sala, nos dividimos em equipes para agrupar as ideias de cada um, depois fizemos a apresentação do perfil do grupo (LUANA).

O trabalho coletivo, a partir do conjunto de vivências individuais que se somam e se organizam, serviu de base para uma discussão a respeito da importância das atividades integradoras e *co-labor-ativas*. Mediadas pelo conhecimento, o exercício da fala e a interpretação das estudantes, o exercício de leitura, a escrita ou os desenhos que realizaram no coletivo de formação, situam-se nos pressupostos de humanização e do direito de aperfeiçoar o que já sabem, bem como conhecer o que ainda não sabem.

Nesse sentido, Freire (2000) nos auxilia na compreensão do exercício do diálogo que permitiu o debate do estudo proposto. Consideramos esse um movimento estético de construção colaborativa.

As ideias trazidas no vídeo sobre “Competência e Qualidade” complementaram o de-

bate com a reflexão: ninguém é competente sozinho. A competência carrega em si a ideia de totalidade. No relato de uma das participantes da pesquisa encontramos importante reflexão sobre essa questão

Pensemos em um caso contrário, onde a pessoa não gosta do que faz, onde ela só está lá por obrigação e não dá a mínima importância para as consequências do seu mau trabalho. Daí nos perguntamos: onde se encontra a qualidade nesse caso? A resposta é imediata: não há qualidade. Agora vamos pensar em um bom professor, esforçado, que faz de tudo para seus alunos aprenderem e que está constantemente preocupado com o seu trabalho. Um professor que leva coisas novas para as suas aulas, que usa a didática a seu favor e que sempre faz um bom planejamento para a sua aula. Isso é um profissional competente, afinal, o trabalho que faz bem é o trabalho que dá gosto, que a gente faz gosto (VANESSA).

Um trabalho competente dentro dessa totalidade técnica, ética, estética e política, é um trabalho que faz bem aos outros e faz bem a quem o envolve. Para tanto, saber e sabor se aliam na docência.

Para encerrar o encontro, foi explicitado um pouco da trajetória de vida da artista Nice Firmeza, bem como a exposição de alguns de seus quadros, em que as alunas puderam explicitar suas opiniões crítico/reflexivas sobre a ação realizada, e que uma das estudantes expôs o seguinte

As obras artísticas de Nice Firmeza expressam sentimentos e pensamentos, o qual esta atividade nos propiciou a opinião acerca do que a gente pensa sobre o assunto, além de conhecerem a quão rica é a arte, a grande possibilitadora da vida (BEATRIZ).

Acreditamos que o exercício de admirar os quadros de Nice Firmeza se constituiu como um momento de reflexão sobre aproximações entre arte e fazer docente, em uma perspectiva de trabalho com a dimensão estética da docência. Em seguida, foi realizada uma pergunta para o grupo, “o que a arte de Nice Firmeza teria a ensinar aos professores?”, a partir da qual obtivemos como resposta a criação de bordados e desenhos, ao invés de cópias; a luta pela respeitabilidade na sua arte; a expressão do seu amor pela vida expressa nas telas e nos seus bordados; e as mandalas como forma de representação do amor e da vida.

Mandalas e formação estética

O objetivo desse encontro foi trabalhar a educação estética na docência, tomando como referência o estudo das mandalas da artista plástica em questão.

Inicialmente, foi realizada uma atividade preditiva sobre o que as alunas pensavam a respeito das mandalas, na qual a maioria expôs que eram círculos coloridos, gerando uma inquietação no grupo acerca da relação desse elemento como proposta de subsídio ao trabalho docente, fator abordado no decorrer do encontro.

Tomamos por base os escritos de Jung (2006), que ao abordar a palavra mandala apresenta o seu significado como “círculo”. Imagens circulares são representadas em danças, imagens e costumes religiosos. É estudada na psicologia para a compreensão de certos estados conflitivos, de dissociação psíquica e desorientação, entre outros. Esse símbolo aparece em documentos históricos, em expressões individuais e culturais.

Para uma das participantes do curso, a temática debatida trouxe a seguinte reflexão

Realizamos a leitura do texto “mandalas” e o que mais me chamou atenção foi a parte em que fala que as mandalas

podem atuar em nosso campo físico, mental, emocional e criar uma mandala é buscar a si mesmo, refletir sobre as ações pessoais em relação ao mundo no qual estamos inseridos. E toda a explicação da mandala associada ao ser humano. Isso me deixou extremamente curiosa (LUIZA).

As mandalas foram uma grande descoberta do grupo, desde as já conhecidas pelas alunas, até as mandalas de Nice firmeza, ornamentadas de flores e corações.

Figura 1. Mandalas de Nice Firmeza.



Fonte: FONTELES (2014, p. 99).

As participantes do estudo foram divididas em grupos de três pessoas, os quais deveriam representar uma mandala, da forma como os grupos considerassem mais representativa, em um viés coletivo. Na conversa dessa pequena equipe, as participantes decidiram qual a imagem que melhor simbolizava uma característica comum às três

Nos dividimos em grupo para confeccionar nossa mandala, cada grupo desenhava um desenho e pintava, ficou linda, pois colocamos aquilo que nos representava, fizemos uma com nossas mãos, que também ficou bonita. Esse momento foi bastante simbólico, pois nos aproximamos, passando energia boa uma para a outra, esses momentos são raros na nossa vida, vivemos numa correria e nessa hora paramos para pensar em nossas vidas, em nossa família, amigos (LUANA).

Foram entregues ao grupo círculos de tecido, em tamanhos diferentes, enquanto cada trio criava um símbolo que o caracterizasse. Depois do debate, os grupos se apresentaram e passaram a repetir o seu símbolo na borda do círculo. Surgiram as seguintes imagens: o bambu, o caminho, o coração, a estrela e um rosto de menina (que teve o seu lugar no centro da mandala).

Figura 2. Mandala coletiva.



Fonte: Arquivo pessoal dos pesquisadores (2016).

O grupo do “bambu” se designou corajoso e disposto a superar as dificuldades, curvando-se enquanto passa a tempestade. Já o grupo do “caminho” considera a busca como uma necessidade de encontrar uma estrada que conduza a um futuro brilhante. O grupo do “coração” se acha amoroso e vê o mundo com os olhos do carinho e do afeto. O grupo da “estrela” se diz parecido com o brilho que encanta a vida, como faz o encanto das estrelas. Por fim, o grupo que produziu o rosto de menina considera a humanização do homem como o centro da vida e dos relacionamentos.

A mandala coletiva, montada no centro da sala, e as efusivas manifestações de se verem representadas naquela produção artística constituíram-se como um importante espaço de formação estética do grupo da pesquisa-formação. Trazendo a circularidade para o campo da educação, lembramos os ensinamentos de Freire (2013), ao agregar caminhos e caminhantes na totalidade, como possibilidade de equilíbrio nos processos de ensinar a aprender, em uma relação dialógica, a partir da qual os homens se educam em comunhão.

Na organização do trabalho pedagógico, a mandala se fez presente em todos os encontros, como forma de indicar a sequência de todos os momentos das atividades do dia

Na pesquisa-formação sobre estética nos foi apresentada a mandala, tivemos a oportunidade de aprender a trabalhar com esse instrumento que parece ser tão sensível, mas que pode ser um bom aliado na organização do trabalho (CAROL).

Ainda nessa direção, refletimos sobre as possibilidades do trabalho geométrico com o uso de mandalas, despertando o interesse e aguçando a curiosidade discente, por intermédio do trabalho com retas e com a simetria, relacionando matemática e arte, em uma perspectiva interdisciplinar (NASCIMENTO; CASTRO; LIMA; 2019).

Analisando as práticas do encontro, a aluna Camila fez um elo com as atividades anteriores, elaborando a seguinte reflexão

Eu, como um todo, preciso considerar minha vida profissional, social, sentimental, religiosa, e não apenas isso. Estou inserida em um tempo histórico, com suas características, juntamente com todas as classes sociais que convivem comigo. Em contrapartida, na sala de aula o professor precisa, além de se preocupar com a matéria, ter um olhar crítico e reflexivo, tanto com o seu público (alunos), como com a própria vida, uma vez que sua própria vida e comportamento profissional diz e ensina muita coisa para os seus alunos.

Sintetizando, o grupo concluiu que a mandala expressa criatividade, tanto no campo pessoal (mandalas vazadas), como no coletivo. Constitui-se como fonte de pesquisa sobre sua representação histórica e artística, cultural, espiritual e pedagógica, entre outras. A mandala coletiva traz a ideia de integração e de trabalho colaborativo. No campo pedagógico, remete aos processos de ensinar e aprender, a planejar e a desenvolver metodologias voltadas para a criatividade pedagógica.

Considerações Finais

Procuramos compreender as contribuições do patrimônio cultural da arte cearense para a formação de professores na dimensão estética da docência, trazendo a arte de Nice Firmeza para ser debatida em rodas de conversa, oportunizando a aprendizagem de uma educação da sensibilidade, considerando a história de vida e a cultura das alunas envolvidas.

Iniciando pela conversa sobre a estética e a banalização mercadológica dessa palavra, aos poucos fomos compreendendo, juntamente com o grupo, que estávamos descobrindo novos sentidos e significados de uma estética do fazer, com as reflexões sobre o patrimônio cultural da obra de Nice Firmeza, em vivências de trocas realizadas no coletivo como um marco de descobertas subjetivas e das suas possibilidades no campo pedagógico e artístico.

Esse percurso nos permitiu o encontro dos principais achados desta pesquisa, o qual se considera que a educação estética na formação de professores não é uma teoria pronta e acabada. Trata-se de um processo colaborativo que vai se construindo a partir das trocas e do diálogo reflexivo. Dessa forma, precisamos aprender a linguagem da sensibilidade e da reflexão sobre a arte e sobre a vida.

Sendo a estética considerada pensamento crítico sobre o patrimônio artístico, o estudo da obra de Nice Firmeza na pesquisa-formação fica legitimado como um exercício de educação estética, por se situar no campo da experiência sensível e da sua operacionalidade no campo pedagógico, em que as mandalas podem ser utilizadas como representação histórica e artística, cultural, espiritual e pedagógica, bem como de simbologia da relação do homem com o universo e com os outros.

É possível vivenciar diferentes atividades pedagógicas puxando o fio da sensibilidade, como forma de avançar na busca da composição estética na formação do educador, para o qual estudar a vida e a obra de Nice Firmeza se constituiu um grande exercício de educação estética. O seu exemplo de vida dedicada à arte cearense nos possibilitou uma viagem pela sensibilidade da artista com suas flores, mandalas, pinturas e máscaras, permitindo ao grupo de pesquisa um tempo de vivência reflexiva e dialógica.

É preciso, no entanto, atentar-se ao fato de que a educação estética precisa ser um direito de todos os professores em seus processos formativos. Todavia, fazem-se necessários novos estudos e pesquisas que aprofundem a temática em investigação e produções. Quem sabe, das redes de pesquisadores que se debruçam sobre essa questão surjam outras oportunidades que estendam o foco específico da arte-educação para a abrangência do pensar didático, dos saberes docentes e das práticas pedagógicas?

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARAÚJO, R. R. **A Dimensão Estética da Docência na Formação de Professores**. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará/UECE, Fortaleza, 2016.

DEWEY, J. **Arte como Experiência**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **Fundamentos Estéticos da Educação**. 10. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2008.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Tradução de Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONTELES, B. **NicEstrigas: arte e afeto**. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

JIMENEZ, M. **O que é estética?**. Tradução de Fulvia Moretto. São Leopoldo/RS: Ed. UNISINOS, 1999.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 6. ed. Tradução de Maria Luiza Appy e Dora Mariana Ferreira da Silva. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

LISITA, V. M. S. S. **Didática e formação de professores: um estudo sobre as possibilidades da reflexão crítica**. 2006. 181 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, F. J.; CASTRO, E. R.; LIMA, M. S. L. Matemática e qualidade de vida: uma perspectiva interdisciplinar. In: BARBOZA, P. L. (Org.). **Pesquisas sobre elementos da prática de sala de aula em Matemática**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2019. cap. 5, p. 73-86.

NASCIMENTO, F. J.; ARAÚJO, R. R.; LIMA, M. S. L. Pacto nacional pelo fortalecimento do ensino médio: resignificando a formação continuada de professores. **Revista COCAR (UEPA)**, Belém, v.11. n.21, p. 117-141, jan.-jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/1285> Acesso em: 25 set. 2019.

RICHTER, I. M. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SOEIRO, A. R. **Conversas com Nice**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.

Recebido em 29 de abril de 2020.

Aceito em 6 de maio de 2020.